

Estudos sôbre algumas estações da época luso-romana
nos arredores de Setúbal

PARTE I

Capítulo I

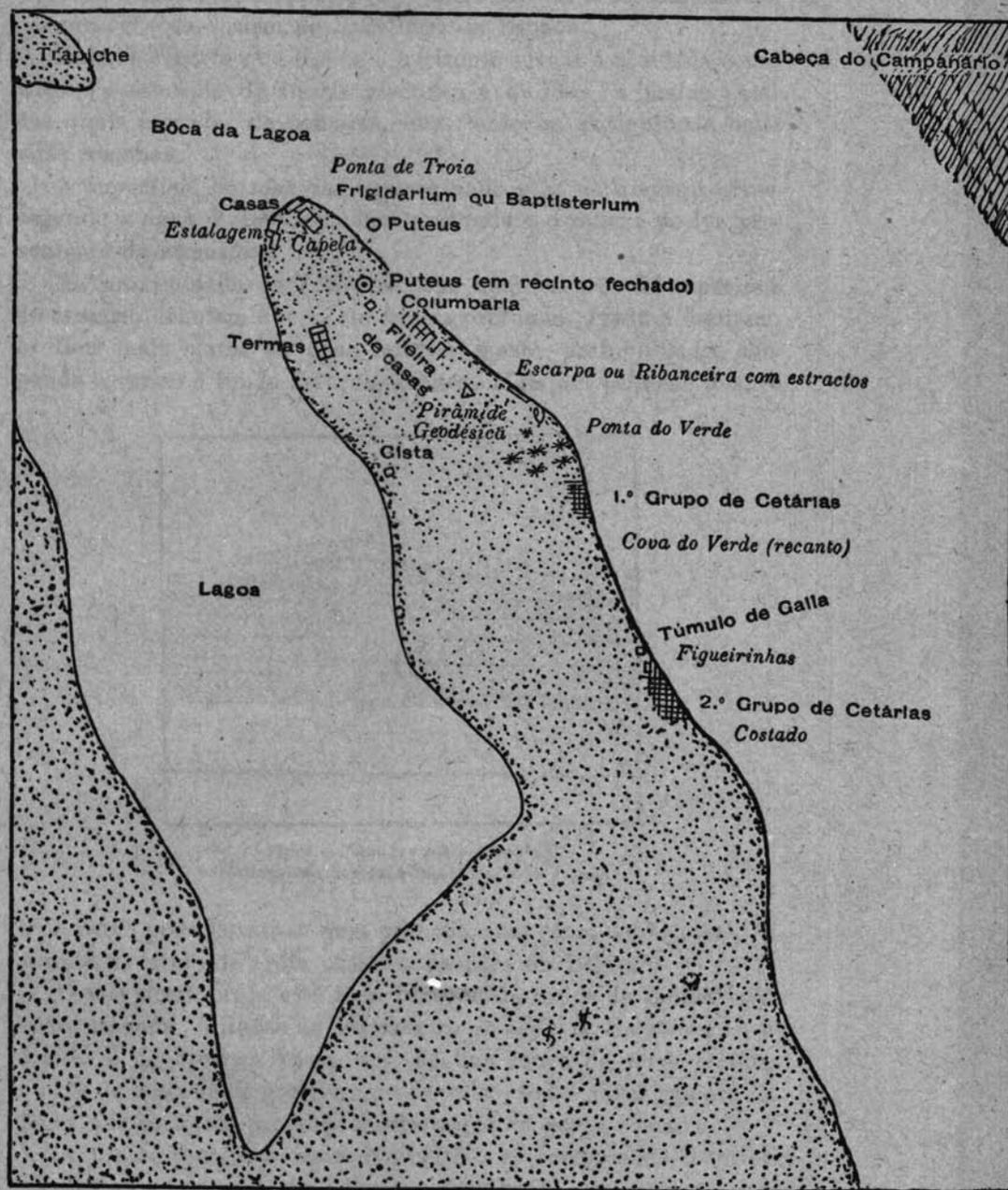
§ 1.º—Passelo rápido ao território de Tróia e idea geral das ruínas
dos seus antigos edificios

Quem olhar para uma carta topográfica de Portugal vê que ao sul da península da Arrábida há o estuário do Sado, em parte separado do oceano por uma faixa de terra ou cordão litoral que está ligado pelo lado do sul com a Comporta e termina ao norte em frente de Outão, a oeste de Setúbal.

No sítio de Tróia esta faixa de terreno apresenta do lado do estuário um pequeno esteiro, em forma de fenda, chamado Lagoa, que o comunica com o estuário, formando assim na faixa um pequeno ramo ou língua de terra, no qual existem as ruínas duma povoação, que o vulgo julgou ser destruída de modo semelhante àquele que destruiu a célebre Tróia asiática e por isso lhe deu o mesmo nome que tinha a grande cidade decantada por Homero.

Quem tiver a curiosidade de visitar as ruínas situadas em Tróia em frente de Setúbal¹, poderá embarcar no cais desta cidade para atravessar o estuário e chegar ao sítio onde estão as ditas ruínas. O trajecto é o mais lindo que se pode imaginar. A medida que o barco se afasta do cais, vê-se primeiro a cidade de Setúbal, estendida em todo o seu comprimento e em linha sôbre a margem direita do Sado; em seguida, por efeito da perspectiva, as casas começam a descer para a linha do horizonte visual e a deixar à vista os pitorescos arredores de Setúbal; a limitar o panorama do lado de oeste vemos levantar-se a crista da Arrábida, em cuja encosta branqueia o convento dos frades; ao centro vê-se a serra de S. Luís, onde em tempos remotos nos parece que talvez se prestasse culto ao deus Marte, protector dos rebanhos e da virilidade; ao oriente

¹ Em Trás-os-Montes há também em Monforte, no concelho de Valpaços, um lugar com ruínas, a que a tradição atribui grande antiguidade e dá o nome de Tróia (vid. Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, s. v. «Monforte do Rio Livre»).



Escala = $\frac{1}{20000}$

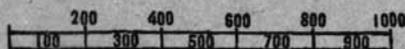


Fig. 1.—Esbôço topográfico do território de Tróia

ergue-se o morro de Palmela, cujo cume ostenta o vetusto castelo, outrora sede da Ordem de Sant'Iago da Espada.

Entre o recorte que limita o horizonte visual e a cidade o território é semeado de lindas vivendas e quintas, a maior parte das quais cercadas de pomares, que foram na antiguidade belas vilas romanas.

A superfície do mar vai apresentando tons de diversas côres, segundo a água é mais ou menos profunda e o reflexo da luz proveniente da atmosfera.

Na proximidade de Tróia, os tons mais escuros da superfície do estuário denotam que aí é mais profundo. Junto à margem, os tons mais claros da água acusam menor profundidade, chegando a ver-se o fundo de areia branca. Mais um pequeno avanço

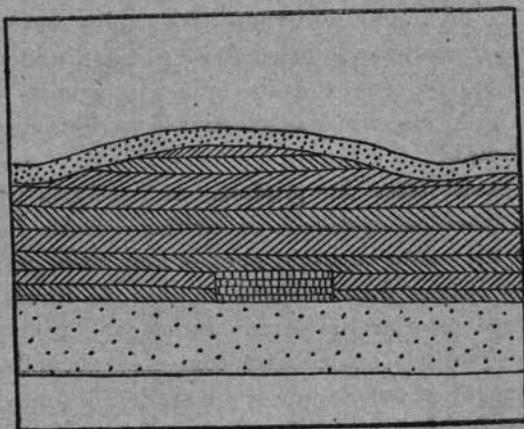


Fig. 2. — Camadas estratificadas perfeitamente horizontais cobrindo as ruínas

e do barco pode lançar-se uma prancha que, como ponte, põe o visitante na praia de Tróia próximo da bôca da Lagoa ¹.

O solo desta praia está todo juncado de restos da indústria da época romana. Milhões de fragmentos de *tegulae*, de *imbrices*, de *lateres* e de diversos vasos, uns de fina louça de *terra sigilata*, outros de louça mais grosseira ou de vidro, todos dizem aos arqueólogos que estão em presença de destroços da época romana.

A praia, com uma fraca inclinação, só compreende o terreno que as águas do estuário cobrem e descobrem com as marés, ter-

¹ Vid. o esboço da planta do território de Tróia (fig. 1).

minando a sua largura no sopé da escarpa dum cabedelo, que constitui a língua de terra, a que já nos referimos.

A escarpa do cabedelo mostra que êste é todo constituído por camadas de areia junta com muros e destroços de edificações romanas e outros materiais da mesma proveniência dos que se acham espalhados pela praia, mas todos dispostos em extensos extractos perfeitamente horizontais e colocados com regularidade uns sôbre os outros (figs. 2 e 3).

Esta disposição e o pêso dalguns dos elementos que constituem as camadas de sedimentos, abstraindo a areia, dão a certeza de que tais elementos não foram para ali depostos pela ordinária e simples agitação do ar, como succede com as dunas. Tal disposição só é explicável admitindo que o solo, em que foram fundados os edifícios de que agora restam as ruínas enterradas, foi lenta e demoradamente inundado pela água e correntes fracas das marés, que foram pouco a pouco desmoronando os edifícios e misturando os seus destroços com outros objectos e areias que as correntes arrastavam, para espalhar tudo em camadas sucessivas perfeitamente estratificadas e horizontais.

Ainda na praia, além dos produtos da indústria romana todos fragmentados, vêem-se destroços de edifícios muito interessantes, de que vamos dar neste capítulo apenas uma idea geral.

Tais são as ruínas dum edifício ou casa de forma cilíndrica, com toda a face interior da parede estucada e pintada a fresco de vermelho e que toda era coberta com uma abóbada, que devia formar uma elegante cúpula, da qual ainda restam vestígios.

No solo circular desta casa abrem-se quatro piscinas a ocuparem os lugares correspondentes aos quadrantes em que se divide o dito solo.

Alguém tomou erradamente êste edifício como templo dedicado a Vesta ¹ e uns nichos, que se vêem abertos na face interior da parede cilíndrica, como destinados a receber estátuas de deuses.

Nas ruínas de Pompeia têm aparecido edificações, em tudo semelhantes a esta, e a elas se tem attribuído a função de *baptisterium* ².

Qualquer dos nichos era destinado a recolher um dos banhistas, situado sôbre um lugar do estreito passeio em forma de coroa circular, que rodeava todas as piscinas, quando queria dar passagem

¹ Vid. Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, s. v. «Vesta».

² Vid. Thedenat, *Pompei*, vol. II, p. 107.

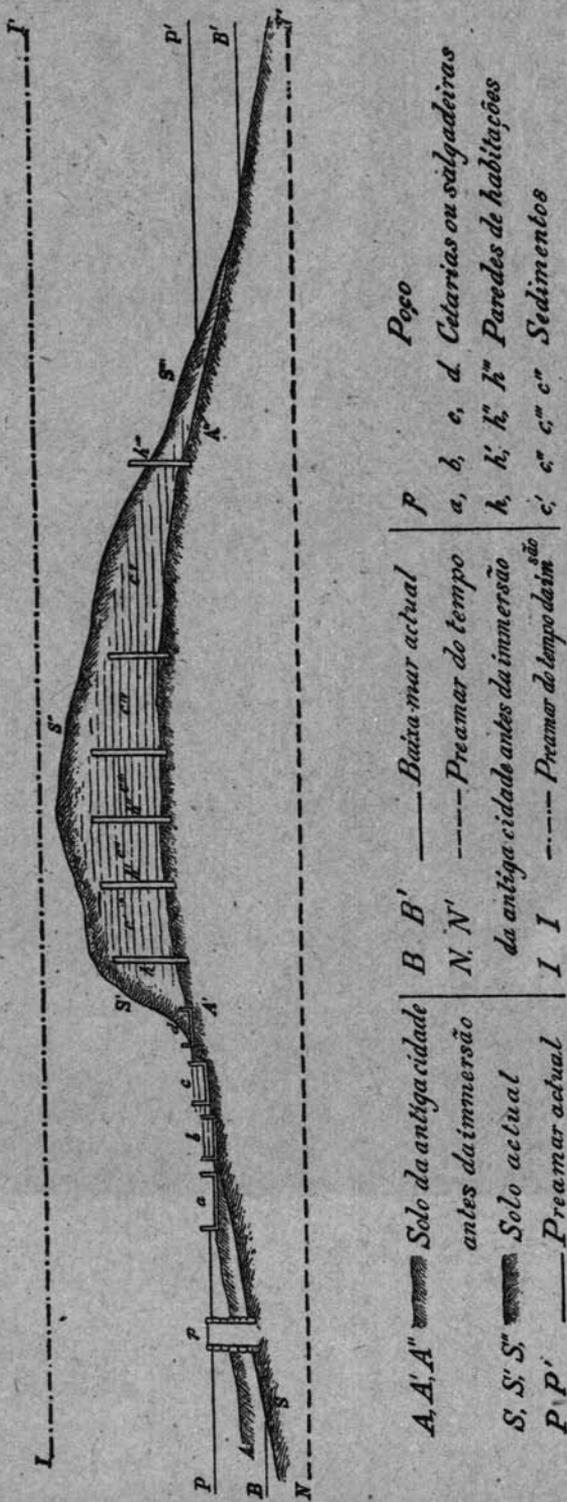


Fig. 3.—Perfil transversal do Tróia

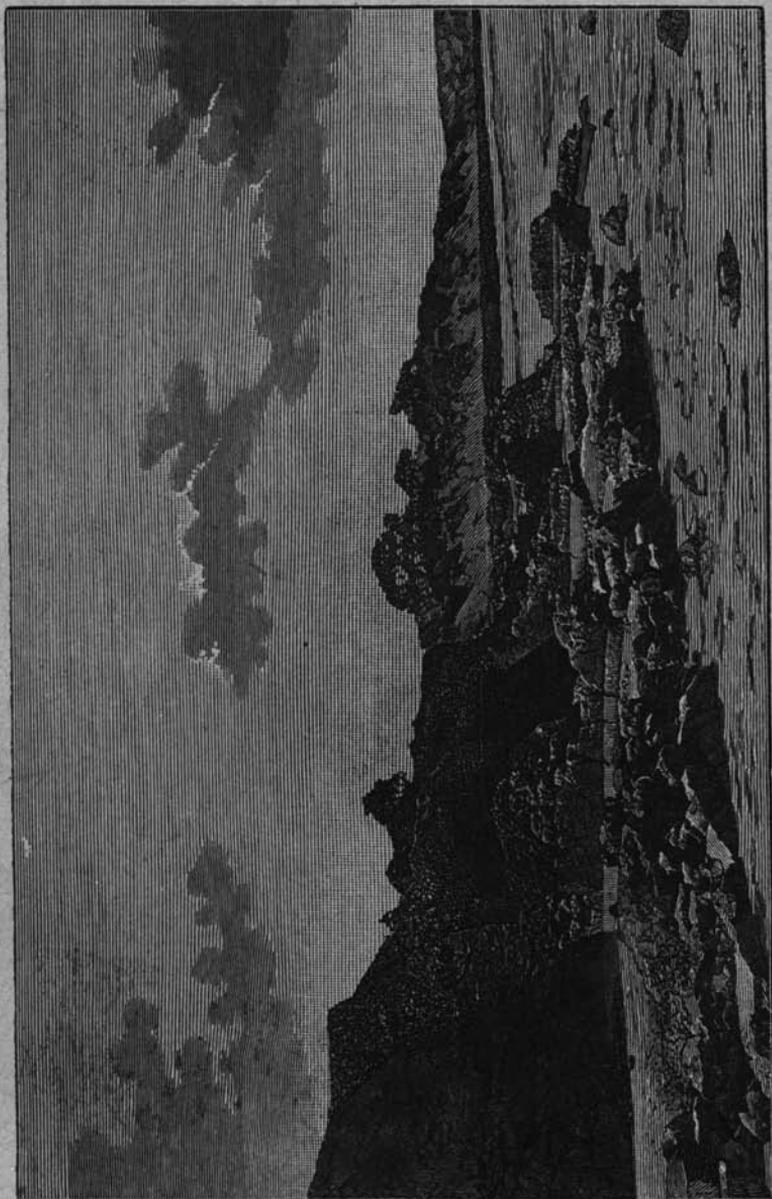


Fig. 4.—Escarpa de Tróia

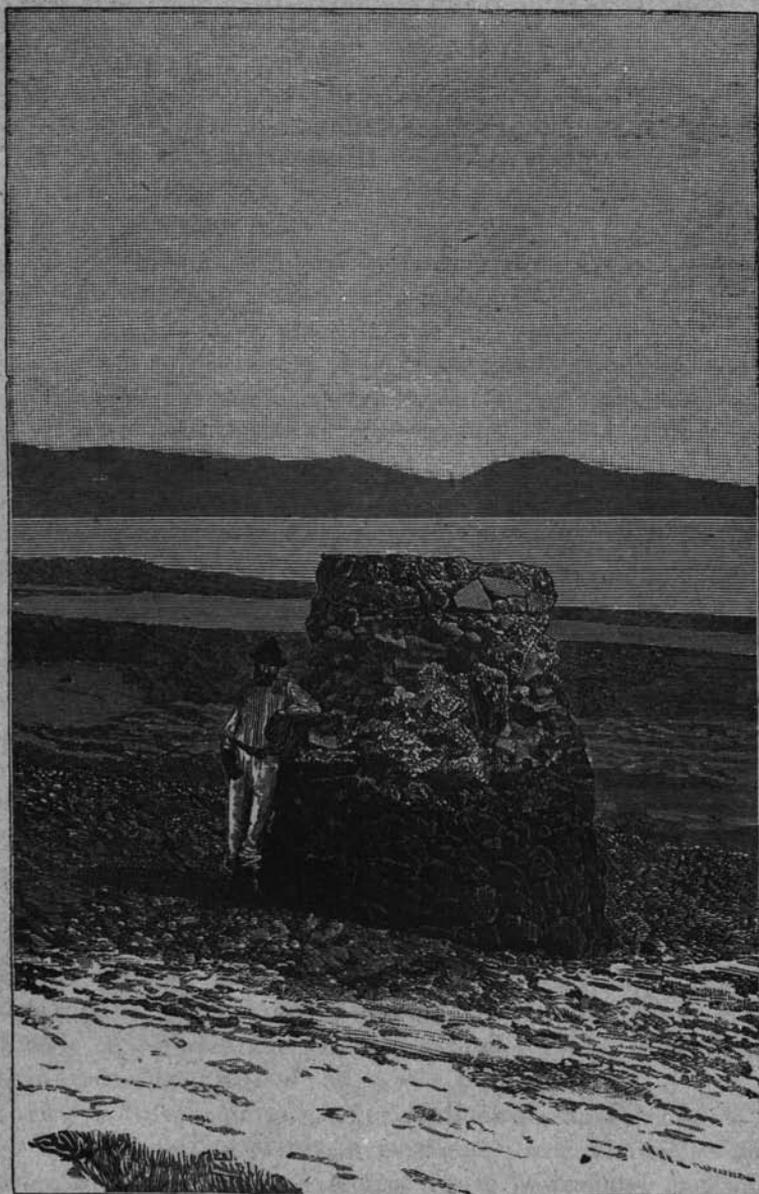


Fig. 5.— Empedrado de um poço

a outro banhista que procurava ir pelo mesmo passeio e lugar tomar banho em alguma piscina ou sair.

Em Arqueologia, o estudo das particularidades dum objecto esclarece o destino doutros semelhantes, que têm as mesmas particularidades.

Prendem muito a atenção do visitante os restos duma série de casas, constando de rés-do-chão e primeiro andar, ainda com portas e janelas e com suas divisões interiores em compartimentos. Todas estas casas têm as suas frontarias em um alinhamento recto, que parece ladeava uma rua.

Já no século XVIII, numa exploração arqueológica que aí mandou fazer a então princesa que depois foi a rainha D. Maria I, se deu à suposta rua o nome de Rua da Princesa. Noutro capítulo estudaremos minuciosamente as casas dêste alinhamento.

Outras ruínas muito interessantes, que se vêem junto à praia, em lugares descobertos de entulhos, são as duma multidão de tanques quadrangulares (cetárias) contíguos uns aos outros, como os alvéolos dos favos das abelhas, e de que se forma a fundada opinião de que serviam para salgar peixe para exportação. As que permanecem ainda, sôbre o antigo solo da povoação romana, estão muito bem conservadas; as que aparecem na praia estão muito arruinadas por ter desaparecido o antigo solo sob o embate das águas e correntes do Sado (figs. 3 e 4). Pela capacidade e número das cetárias se pode fazer idea da prodigiosa quantidade de peixe, que se exportava do lugar hoje chamado Tróia, e da grande riqueza e importância industrial que a povoação romana, nesse lugar estabelecida, devia ter.

Uma das ruínas, que se vê ao meio da largura da praia e próximo da bôca da Lagoa, tem a forma de grossa coluna de alvenaria, que muita gente tomou como restos dum farol. Não foi mais do que o empedrado dum poço (*puteus*), aberto no antigo solo da povoação romana, mas a que o embate das águas do Sado levou toda a terra, em que o poço e seu empedrado estavam encravados, ficando só o empedrado assente no fundo, abaixo do antigo solo, hoje praia (fig. 5).

É esta ruína a prova mais evidente de que as correntes do Sado, se antigamente inundaram a povoação e acumularam sedimentos sôbre as suas ruínas, em tempos muito posteriores, e depois das ruínas da povoação terem emergido das águas cobertas de sedimentos, fizeram ao contrário escavações e levaram não só grande parte das ruínas mas até parte do antigo solo dos seus edifícios.

A entrada da bôca da Lagoa, há as ruínas semi-entulhadas de vários prédios romanos, aos quais fica sobranceira, no alto do cabelelo, a capela de Nossa Senhora dos Prazeres. Os prédios têm no rés-do-chão alguns tanques de alvenaria, forrados de argamassa signina, semelhantes às cetárias que já se viram ; mas diferem destas por estarem quasi isoladas num espaço fechado e relativamente pequeno, isto talvez por só serem destinadas à salga de víveres domésticos, ou à sua conserva e consumo apenas na localidade, e não para salgar grande quantidade de peixe a exportar para outros países.

Numa das casas contíguas a estes prédios e que recentemente foi em parte desobstruída dos entulhos, que a preenchiam e cobriam, por ordem do actual proprietário de Tróia, o S.^{or} Joaquim de Soto Maior, para assim obter um terrapleno em volta duma casa nova que anda em construção, descobriu-se um compartimento rectangular que em duas paredes contíguas mostra restos de estuque, onde foram pintadas a fresco várias figuras coloridas, como grande parte do monograma de Cristo ao centro da parede e circunscrito por uma coroa, vendo-se também aves, ornatos geométricos, etc. Supomos que era uma casa sepulcral cristã, não só pela pintura do dito monograma ou crisma, mas também por, sôbre o pavimento da casa, se acharem vários caixões de fôlhas de mármore (*arculae*), alguns ainda com ossos humanos, que denotam pertencerem a cadáveres não queimados e que foram aí sepultados inteiros. Falaremos desta casa com mais detenção e minuciosidade noutro lugar destes apontamentos.

Subindo agora ao alto da escarpa deparamos com uma planura tapetada com uma duna mais ou menos fixada por uma vegetação de giestas, camarinheiras, pinheiros, etc., que o vento só deixa medrar nos lugares onde não há malhas alvas de areia movediça.

De entre as moitas vêem-se algumas vezes aflorar os topos das ruínas de importantes edifícios da antiga povoação.

Aqui são os restos dum *columbarium* ou casa quadrada, tendo abertos nas paredes nichos que lembram os buracos que há nos pombais para recolher os pombos (*columbae*), donde lhe vem o nome. Estes nichos eram destinados a guardar urnas cinerárias, isto é, urnas para conterem as cinzas dos mortos.

Mais além encontramos um poço resguardado por um muro circular, o que mostra certo aprêço em que eram tidas as águas por êle fornecidas.

Ainda mais além vêem-se ainda, em grande parte descobertas,

as ruínas dumas interessantes termas romanas, onde ainda se descobrem grande parte dos seus compartimentos, alguns tapetados de mosaicos do género vermiculado (*opus vermiculatum*), sendo um dêles em forma de abside, com um banco de alvenaria encostado à parede semi-cilíndrica e destinado a contornar uma bacia de mármore. Os banhistas aí lavavam e raspavam, com uma espécie de faca (*strigla*), a pele a escorrer suor; pois que esta abside se abria, por meio dum grande vão em forma de arco, para uma casa rectangular onde o ar devia ser bastante quente e produzir no banhista abundantes suores, por o pavimento da casa ficar sobre uma espécie de cave (*hypocaustum*), onde circulavam os produtos de combustão da lenha que ardia numa fornalha a poucos passos.

Nestas termas também se vêem distintamente duas piscinas para banho, uma rectangular e outra cilíndrica, ambas forradas de fôlhas de mármore ligadas às paredes com pregos de cobre e de que ainda se vêem vestígios.

Próximo da bôca da Lagoa, e com os seus alicerces sôbre as camadas de sedimentos que cobrem as ruínas das antigas edificações romanas, levanta-se uma capela, de construção e estilos relativamente modernos, dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres ¹. Cremos que foi fundada no século XIV, quando ainda em Portugal se usava geralmente nas igrejas o estilo gótico, pois é êste o estilo mais antigo que aí se observa numa porta de sacristia, que escapou às reconstruções ainda mais modernas.

Também no mesmo areal, e no cume dum cabeço de areia mais elevado, se vê uma pirâmide de alvenaria de construção contemporânea e destinada a marcar um ponto na triangulação geodésica do país, mas a que um illustre viajante quis dar recentemente outra significação ².

Não nos demoremos por agora mais em Tróia, para no mesmo dia regressarmos a Setúbal pelo mesmo caminho da ida.

Para orientarmos os visitantes, que queiram observar em pouco tempo as ruínas de Tróia, damos um esboço topográfico (fig. 1),

¹ Esta capela foi fundada em solo formado muito depois do abandono da povoação romana.

² O S.^o Martim Hume no seu livro *Through Portugal*, publicado em 1907, diz ser «uma coluna que domina o tope da duna e cuja significação não podia escapar a ninguém que conheça a tradição do culto cartaginês e fenício». Vid. *Diário de Notícias* n.º 14:853, de 1907.

onde estão representados com sinais as posições relativas de cada um dos edificios que se tem descoberto em ruínas, bem como a Lagoa e parte do estuário que banha o território de Tróia.

§ 2.º—Ilacões a tirar das observações anteriormente expostas
e sua justificação

As ligeiras observações que expusemos no parágrafo anterior levam-nos às seguintes conclusões:

1.º Que sobre a parte do cabedelo, que se chama de Tróia, esteve no tempo dos Romanos estabelecida uma importante povoação, cujas edificações permaneceram, depois do seu florescimento, largo tempo inundadas sob as águas e fracas correntes marinhas, que demoliram os edificios, espalharam grande parte dos seus materiais e, juntamente com as areias que puderam arrastar, cobriram as ruínas com sucessivas camadas de sedimentos perfeitamente estratificadas e horizontais.

2.º Que depois da submersão durar largo tempo, se effectuou uma emersão que pôs novamente os edificios a descoberto, mas agora todos arruinados e cobertos com os próprios destroços misturados com areia.

Estes deslocamentos relativos da linha da costa são muito conhecidos dos geólogos nas costas da Noruega e no Mediterrâneo, como em Pouzzolis nas costas da Itália, onde três colunas, que restam, aprumadas, dum templo dedicado a Júpiter Serapis, edificado à beira-mar no princípio do século I da era cristã, apresentam todas, a partir de seis metros acima do nível do mar, uma zona de três metros de altura, crivada de orifícios feitos pelos moluscos marinhos do género *pholax*, que não podem respirar senão submersos na água. As cavidades foram pois feitas nas colunas debaixo da água, e portanto o solo onde estas estavam erectas desceu; mas como hoje elas estão todas levantadas acima do nível onde as marés não chegam, conclui-se que as colunas depois da descida subiram verticalmente pelo menos nove metros.

No nosso país há exemplos de costas levantadas na escarpa de Castelo do Queijo, próximo da Foz do Douro, onde se vêem caldeiras de gigantes aumentadas de capacidade e alisadas interiormente pelas pedras soltas que contiveram, e a que deram movimento de rotação as ondas nas suas correntes de vai-vem em cada preiamar. Estas caldeiras, que estão actualmente alguns metros acima do nível das mais altas marés, provam que a costa se elevou.

O mesmo sucede na extremidade ocidental do Campo de Nossa Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, onde Paul Choffat viu caldeiras de gigantes três metros acima do preiamar ¹.

Na praia da Trafaria existe actualmente o bocal dum poço antigo, hoje no mar, e que só fica descoberto por ocasião das grandes baixas marés. Este facto é uma prova incontestável dum deslocamento descensional da antiga linha da costa ².

Poderíamos apresentar mais exemplos averiguados por pessoas competentes, mas, para não nos tornarmos mais extensos, mencio-

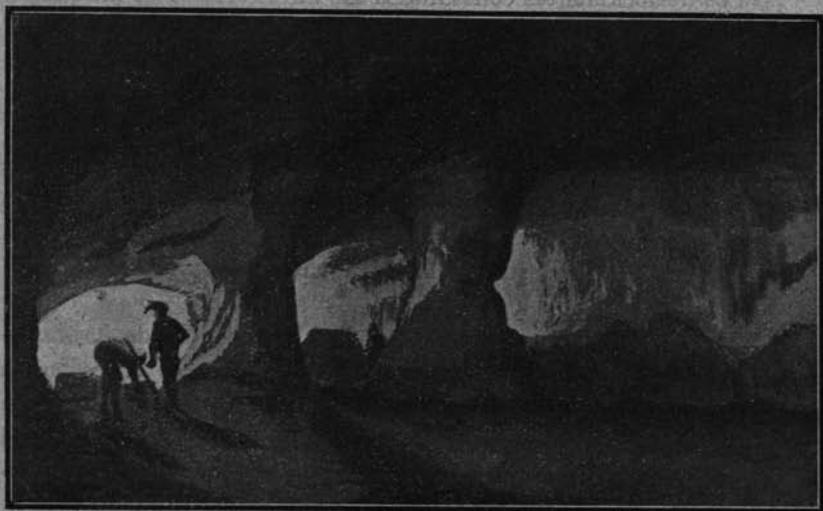


Fig. 6. — Interior da gruta de Santa Margarida, vendo-se à entrada colunas estalagmíticas

naremos sòmente o seguinte facto, que se nota na gruta de Santa Margarida, aberta no sopé meridional da serra da Arrábida e à beira-mar.

Esta gruta foi evidentemente cavada pelo embate das ondas do oceano em uma fenda horizontal da rocha calcárea. Durante o tempo em que o mar entrava em toda a escavação era impossível formarem-se as colunas estalagmíticas que se vêem à entrada da gruta (fig. 6), pois que as ondas varreriam as concreções calcáreas no comêço da sua formação; portanto as colunas só se poderiam formar depois, quando o solo da gruta se elevou e as ondas já não podiam

¹ Vid. «Provas do deslocamento do nível do oceano», nas *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, t. VI, p. 171.

² Vid. as mesmas «Provas» na *ob. cit.*, p. 177.

chegar à altura de entrar e varrer os depósitos estalagmíticos que se foram formando.

Com respeito à causa das deslocações da linha de costa, limitamo-nos a expor a questão tal como a apresenta o grande geólogo Laparent (*Géologie*, vol. 1, 4.^a ed., p. 568):

«Os deslocamentos relativos (das linhas de costa) resultam de lentas oscilações da crosta sólida, que se poderão qualificar, como fez M. Issel, de brandísismos, e haverá portanto na realidade praias sublevadas e outras abaixadas ?

¿Ou os deslocamentos constatados são antes efeitos de mudanças que afectariam o equilíbrio geral ou regional da massa oceânica ?

São perguntas a que não é possível responder senão examinando cada caso particular em que as modificações da costa se têm produzido».

Talvez a elevação do mar nas costas de Espinho e Torreira esteja neste caso. Supomos, por isso, que é melhor esperar que as explorações oceanográficas próximo das costas de Setúbal decidam o que melhor se deve julgar sôbre a causa dos seus desnivelamentos.

3.^o Tanto a praia como a ribanceira do cabedelo de Tróia do lado do estuário mostram que a antiga margem não corresponde à actual, por esta ser conquistada pelas correntes do Sado, que bateram, escavaram e arrastaram para longe grande parte, não só das camadas de sedimentos, que cobriam as ruínas, mas até o solo em que parte dos antigos edificios tinham sido fundados. Esta mesma observação notou Gaspar Barreiros na sua *Corografia* (ed. de 1561, p. 63), dizendo que «no seu tempo debaixo das águas do rio se vêem ainda as ruínas de alicerces de edificios».

O empedrado do poço, a que já aludimos no § 1.^o, e que se apresenta como uma coluna, por lhe ter sido extorquida, pelo embate das águas, a terra adjacente em que estava encravado, é uma prova bem frisante dessa extorsão.

Também quando em 1892 se meteram estacas para formar um dique na bôca da Lagoa, a fim de a converter num aquário que conservaria por algum tempo o peixe vivo colhido no mar, notou-se que as estacas em muitos pontos topavam com pavimentos de argamassa signina e muros de construção de prédios.

¹ M. Suess criou a palavra «eustáticos» para designar os movimentos suaves, que a acumulação de terra nuns pontos e escavações noutros do fundo do mar podem produzir no seu nivel.

Estes factos indicam claramente que a povoação romana se estendia mais por um território que o mar levou no seu constante bater; não podemos porém determinar os limites da antiga povoação nem afirmar se esta era ou não cingida de muralhas de defesa, como já foi na idade média a vila de Setúbal, para dalguma maneira podermos attribuir-lhe absolutamente o nome de Cetóbriga, como fazem alguns arqueólogos, visto a terminação *briga* significar lugar fortificado.

Capitulo II

§ 1.º—Informações históricas sobre povoações antigas nos arredores de Setúbal

A história nada nos diz a respeito da inundação de Tróia nem da sua população romana, e ainda da pre-romana, nos arredores de Setúbal.

Antes de Cristo não houve escritor algum que se referisse a Cetóbriga ou a qualquer território dos actuais arredores de Setúbal, a não ser o autor anónimo dum périplo fenício do século v antes de Cristo, que serviu de base ao poema *Ora Maritima*, de Avieno.

Neste périplo faz-se referência à ilha de Achale, que, segundo Martins Sarmento¹, corresponde a uma parte, noutro tempo isolada, do banco de areia que primeiro se elevou e depois se uniu às outras partes, constituindo todas um cordão litoral contínuo² ou molhe, que hoje vemos prolongar-se de susueste a nornoroeste, desde um ponto a nordeste do cabo de Sines até a Ponta do Adocho, separando a enseada de Setúbal do estuário do Sado e paúl da Comporta³.

¹ Vid. *Ora Maritima*: estudo dêste poema na parte relativa às costas occidentais da Europa, p. 42.

² Cordões litorais são aterros de areia mais grossa feitos pelas vagas sôbre a costa, quando a onda na retirada só tem fôrça para reconduzir a mais fina para o mar. Sôbre a formação dos molhes e cordões litorais, vid. *Cours élémentaire de Géologie stratigraphique*, par Ch. Velain, cap. III, pp. 47 e 48.

³ O nosso falecido geólogo Nery Delgado, atendendo à estreiteza (de vinte e três metros) e pequena altitude (de três metros) da lingueta de areia (cabedelo) no lugar onde a tradição diz que o Sado comunicava com o oceano, e que fica a uns quatro quilómetros ao noroeste da Comporta e de seis quilómetros a sueste do sítio onde aparecem as ruínas de Tróia, também achou plausível a existência da ilha de Achale e duma grande abertura ao sul dessa ilha para a enseada de Setúbal. (Vid. nota a p. 42 da *Ora Maritima*, por Francisco Martins Morais Sarmento).

Atendendo a que as flechas e os cordões litorais se não alteiam uniforme e simultâneamente em toda a sua extensão, é possível que a ilha de Achale fôsse a parte do actual molhe, ou cordão referido, que primeiro se salientou das águas, e assim existisse, separada das outras partes do cordão, no tempo em que se escreveu o périplo.

A ser assim, novos aterros submarinos deram origem a que as partes do banco de Tróia com o decorrer do tempo emergissem e ligassem entre si, acima do nível do mar, todas as partes do cordão litoral que acaba em frente de Outão, deixando aí só uma abertura por onde se faz a entrada e saída das marés.

No século I depois de Cristo apparecem três escritores, Estrabão, Plínio e Pompónio Mela, que se referem a lugares das vizinhanças de Setúbal.

Estrabão, geógrafo e historiador grego, ao fazer a descrição da costa actualmente portuguesa, diz¹:

«Seguindo agora, partindo sempre do Promontório Sagrado, a outra parte de costa que se dirige para o Tejo, observa-se a principio que a praia se encurva, formando um gôlfo; depois segue-se o Promontório Barbário², e logo, após êste, a foz do Tejo: a travessia (do dito gôlfo) em linha recta até a foz do Tejo é de 1:000 estádios³.

Nesta parte da costa há dois esteiros; dêstes mencionaremos especialmente um que, partindo do promontório acima nomeado, se interna por mais de 400 estádios e pode levar os navios a Salácia»⁴.

¹ Vid. «Descrição da Peninsula Iberica», liv. III, cap. III da *Geographia* de Estrabão (1.ª parte), versão de Gabriel Pereira, p. 25. Esta versão foi feita principalmente sobre a versão francesa de Tardieu. Os parênteses indicam passagens em que os tradutores estão em dúvida.

² O Promontório Barbário é o que actualmente se chama Cabo Espichel.

³ Cada estádio olímpico tinha 184^m,98, e portanto a travessia era de 184:989^m ou 36,996 léguas.

⁴ Tal gôlfo pela extensão da sua travessia não podia ser senão o mar que fica entre o Cabo de Sagres (Promontório Sagrado) e o da Roca (Promontório Magno), cabos que ficam à distancia de 39 léguas quilométricas.

⁴ O chamado esteiro com 400 estádios (equivalentes a 14,8 léguas quilométricas), a partir do Promontório Barbário até Salácia, corresponde ao conjunto da actual enseada de Setúbal e estuário do Sado; pois que o caminho mais curto, que por mar se pode actualmente seguir desde o Cabo Espichel (antigo Barbarium) até Alcácer do Sal (antiga Salácia), é de

Nada mais nos diz Estrabão, que possa referir-se ao estuário do Sado ou ao território das proximidades de Setúbal¹.

Estrabão não nos dá a conhecer qualquer cabedelo ou ilha; mas quer existisse uma ou outra cousa, o que sem dúvida devia existir era o território onde actualmente aparecem as ruínas deixadas por um grande centro de população e de indústria; pois que aí se descobriram moedas, inscrições lapidares e outros objectos que são dos primeiros séculos antes e depois de Cristo, como adiante veremos. Estes objectos mostram-nos pois que, apesar da falta de menção desse território por Estrabão, já era habitado no tempo deste geógrafo (que viveu no século I depois de Cristo) o território de Tróia.

Não é esta falta muito para admirar, pois que Estrabão, apesar do seu espírito criterioso aperfeiçoado por muitas viagens, não visitou a Ibéria e, por isso, apenas tinha conhecimento da Espanha por informações, muitas vezes defeituosas.

Plínio² cita «Salacia, chamada *urbs imperatoria*» entre as po-

13,5 léguas quilométricas, o que não difere senão 1,3 de légua itinerária da distância a que Estrabão diz se internava o esteiro.

Esta reintrância, a que os tradutores de Estrabão chamam esteiro, devia pois ter uma profundidade horizontal, que compreendia não só a da actual enseada de Setúbal desde o Cabo Espichel até Outão, mas também a do estuário do Sado desde Outão até Alcácer.

¹ O Padre Manuel da Gama Xarro, que por muitos anos residiu em Setúbal e foi a alma da Sociedade Arqueológica Lusitana, fundada em 1849 para explorar as ruínas que se encontram soterradas em Tróia, disse (em artigo publicado no *Archivo Pittoresco*, t. IV (de 1861), p. 16) que o geógrafo Estrabão começa a descrição da costa portuguesa pelo «Promontório Sacro (Cabo de S. Vicente) e depois de ter feito menção geral dos bástulos, que habitavam a costa, faz menção especial duns que habitavam uma estreita faixa de terra junto ao mar (*angustum accolunt littus*)».

Nós não encontramos tais palavras nem outras que pudessem ter semelhante tradução na *Geographia* de Estrabão, quer na sua versão latina, quer na francesa de Tardieu ou na portuguesa de Gabriel Pereira.

O S.^{or} D.^{or} J. Leite de Vasconcelos, que conhece perfeita e minuciosamente os livros de Estrabão, também nos declarou que tais palavras se não encontram na obra de tam apreciado geógrafo.

Não sabemos onde Gama Xarro viu escritas tais palavras ou qual o motivo da sua confusão, pois não duvidamos da sinceridade do há muito extinto arqueólogo.

Pinho Leal, no seu *Portugal ant. e mod.*, s. v. «Cetobriga», reproduz as palavras de Xarro.

² Vid. *Historia Natural*, por Caio Plínio Secundo, liv. III, cap. XXII, tradução de Gabriel Pereira, p. 22.

voações de Olísipo, Meróbriga, o Promontório Sacro e outros lugares, não se referindo porém à situação de nenhum dêles nem ao território de Setúbal ou de seus arredores.

O geógrafo Pompónio Mela, na sua obra *De situ orbis Hispania*¹, depois de falar nos promontórios da Lusitânia, do cabo Cuneus, do Sagrado (Sagres) e do Grande (Cabo da Roca), diz que: «Os golfos ficam intermédios, e num se coloca Salácia, noutro Ulísipo e a foz do Tejo, rio que produz ouro e pedras preciosas».

Nenhum dos referidos escritores do século I depois de Cristo se refere a Cetóbriga, donde se conclui que, se existia, tinha pouca importância.

Do século II depois de Cristo é ao govêrno do imperador romano Antonino Pio que se atribuem os itinerários conhecidos pelo nome do mesmo imperador, mas que principiaram a fazer-se no século I antes de Cristo².

Estes roteiros chegaram aos nossos dias, por serem transcritos em códices existentes nas bibliotecas de Paris, do Vaticano, de Florença, de Dresde, etc., com muitas variantes, tanto nos nomes das localidades como nas distâncias de umas a outras³.

O itinerário geralmente adoptado é o publicado na edição de Parthey et Pinder, Berlim, 1848, no qual do roteiro de Lisboa a Mérida aproveitámos sòmente a parte dele mais importante para o estudo da época luso-romana nos arredores de Setúbal e que se dirige de Olísipo a Eborá, atravessando a mesopotâmia entre o Tejo e Sado.

Nesse trajecto, em vista dos nomes dos povoados onde se faziam

¹ Vid. a tradução do liv. III, cap. I, desta obra, por G. Pereira, p. 30.

² João Baptista de Castro (*Mapa de Portugal*, t. III, parte v — «Roteiro terrestre de Portugal», p. 8), referindo-se ao *Itinerario* de Antonino e fundando-se em Santo Ambrósio (escritor do século IV, que deixou várias obras sacras) diz: «Dêste itinerário, principiado por Júlio César, continuado por Octaviano, publicado por um dos imperadores Antoninos e aperfeiçoado por Teodósio o Maior, se aproveitavam não só os postilhões para saber onde haviam de pernoitar e mudar de cavalo, mas servia muito para a jornada dos Pretores, Presidentes e Legados, que com os seus Ministros passavam de Roma a visitar as suas Províncias e Conventos Jurídicos, e sobretudo para a marcha das Tropas, a cujos cabos se dava sempre um dêstes Itinerários ou Roteiros para por êle se governarem nas marchas e saber por onde haviam de aquartelar-se».

³ Vid. Wesseling, *Vetera Romanorum Itineraria* (1735).

estações, bem como das distâncias recíprocas destas, tanto em milhas romanas, representadas em caracteres latinos, como em algarismos representando os números de quilómetros equivalentes, à razão de 1^k,4815 cada milha, segundo Canina ², podemos formar o seguinte quadro, segundo a edição de Parthey, mas conservando a distância de Wesseling na parte entre Ceciliana e Malececa, que sendo naquela edição de xxvi milhas nos parece exageradíssima:

| Estações | Distâncias em milhas | Quilómetros equivalentes |
|----------------------|----------------------|--------------------------|
| Olisipo | 0 | 0 |
| Equabona | XII | 17,81 |
| Cetobriga | XII | 17,81 |
| Coeciliana | VIII | 11,85 |
| Malececa | XVI | 23,70 |
| Salacia | XII | 17,81 |
| Ebora | XLVIII | 65,18 |

As estações que neste quadro se reputam melhor identificadas são: Olísipo, localizada em Lisboa, e Salácia, bem como Ebora, respectivamente em Alcácer do Sal e Évora.

Com respeito às outras estações intermédias que figuram no mesmo quadro, há tantas dúvidas e dificuldades, para quem só procurar a sua identificação a lugares, onde actualmente apparecem algumas ruínas romanas, que apenas afirmamos estarem tais estações dentro ou não longe do território dos arredores de Setúbal.

Julgamos porém que tais possíveis identificações não passam de conjecturas, sem um fundamento bem positivo: pois da antiga estrada romana, que de Olísipo se dirigia a Salácia, não há, no território entre as duas povoações de Lisboa e Alcácer, que se reputam com grande probabilidade serem as sucedâneas daquelas, vestígios nenhuns da via romana ou de seus marcos miliários que nos ajudem a conjecturar sôbre a posição das di-

² Segundo Canina cada milha era equivalente a 1:481^m,5, e segundo Dureau de la Malle a 1:481^m. Era portanto de 75 ao grau.

tas estações intermédias marcadas no itinerário, com a maior probabilidade de acertar.

Ainda no século II depois de Cristo escreveu Cláudio Ptolomeu de Alexandria a sua *Geografia*, onde, no liv. II, cap. v¹, menciona no território da Turdetânia as seguintes povoações e localidades romanas, a que nós julgamos corresponderem outras actuais que pomos entre parênteses: Balsa (Tavira), Ossónoba (Estoi, próximo de Faro), Promontório Sacro. (Cabo de Sagres), foz do rio Calipo (Foz do Sado), Salácia (Alcácer do-Sal), Cetóbriga (nas proximidades de Setúbal).

Cáudio Ptolomeu é pois o primeiro escritor que se refere a Cetóbriga, talvez porque tivesse visto referência a tal povoação no *Itinerario* chamado de Antonino.

No século III depois de Cristo não aparece dos escritores coevos referência alguma ao território dos arredores de Setúbal, senão a muito breve de Marciano Heracleota (*Geographia Greco-Minoris*) com respeito a Cetóbriga e tomada exclusivamente de Ptolomeu.

No século IV Avieno, no seu poema *Ora Maritima*, faz referências à ilha Achale de que teve notícia pelo périplo fenício do século V antes de Cristo, a que já nos referimos no § 1.º deste capítulo.

Desde o século IV depois de Cristo até o fim do domínio romano não temos conhecimento de nenhum escritor que fizesse referência a qualquer território ou povoação que se possa reputar situado nas proximidades de Setúbal, e como ainda existentes no seu tempo.

Ainda no século VII depois de Cristo, o Anónimo de Ravena (na *Cosmographia*) cita Cetóbriga, mas só refere o que se tinha escrito até o século III depois de Cristo.

Em vista pois da exiguidade de informações dos escritores romanos sôbre o dito território, ficamos reduzidos, se quisermos ter algum conhecimento do modo de viver e civilização dos antigos habitantes de Setúbal, a recorrer a pesquisas de ordem arqueológica, tateando tanto a superfície do solo como sondando o terreno para obtermos e estudarmos quaisquer documentos da actividade dêsses nossos antepassados.

(Continua).

A. I. MARQUES DA COSTA.

¹ Cf. *Fragments relatifs à l'histoire et géographie de la Péninsule Iberique* (Floro, Sallustio, etc.), por Gabriel Pereira, p. 25.